

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação
Curso: Cultura, Educação e Relações Étnico Raciais

A Literatura Afrofuturista de LU AIN-ZAILA: Abrindo as mentes para Futuros Pretos

Luana Souza Gomes Tiznado



Desenhar futuros é preciso e indispensável

São Paulo
2022

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação
Curso: Cultura, Educação e Relações Étnico Raciais

**A Literatura Afrofuturista de LU AIN-ZAILA:
Abrindo as mentes para Futuros Pretos**

Luana Souza Gomes Tiznado

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito para a obtenção do título de
Especialista em Cultura Educação e Relações
Étnico-raciais.

Orientador: Professor. Doutor. Márcio Farias

*“A opressão da mulher negra em sociedades periféricas multirraciais precisa ser revisitada precisa ser revisitada segundo uma visão histórica mais profunda. Com isso, a própria compreensão da experiência feminina – destacadamente a das negras – necessita inicialmente que as relações de gênero sejam interpretadas como um fenômeno de profundidade histórica.”
(Vânia Maria da Silva Bonfim)*

São Paulo
2022

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar a Escritora, Pedagoga e Ativista Lu Ain-Zaila. Uma pensadora e problematizadora social, que usa a Literatura Afrofuturista, por meio de narrativas especulativas e ficcionais com o propósito de promover perspectivas novas e positivas acerca do imaginário da população negra. Para tanto, trataremos dos conceitos-chaves dos quais envolvem sua produção literária, passando brevemente por sua biografia e publicações, dando ênfase no conto “Era Afrofuturista”. E finalmente, examinaremos o alcance da escritora, no segmento de literatura especulativa afrofuturista.

Palavras-chave: Lu Ain-Zaila. Afrofuturismo. Afrocentricidade. Literatura Especulativa Afrofuturista brasileira.

Abstract:

This article aims to introduce the Writer, Pedagogue and Activist Lu Ain-Zaila. A thinker and social problematized, who uses Afrofuturist Literature, through speculative and fictional narratives with the purpose of promoting new and positive perspectives about the imagination of the black population. To do so, we will deal with the key concepts that involve his literary production, briefly going through his biography and publications, emphasizing the short story “Era Afrofuturista”. And finally, we will examine the writer's reach in the Brazilian Afrofuturist speculative literature segment.

Keywords: Lu Ain-Zaila. Afrofuturism. Afrocentricity. Brazilian Afrofuturist Speculative Literature.

Introdução

Neste artigo, apresentaremos a Literatura Afrofuturista da Pedagoga e Escritora afro-brasileira, Lu Ain-Zaila. Uma autora da cidade de Nova Iguaçu/RJ, que produz narrativas que fazem parte do campo da literatura negra de modo geral e do chamado círculo de ficção especulativa. O Afrofuturismo é um Movimento que envolve diferentes expressões artísticas, como a música, a estética, a escrita, o cinema, entre outras experiências. Os textos de Zaila, enaltecem a importância das culturas,

combinando elementos da ancestralidade africana e afro-brasileira, a imaginação, tecnologia e futuro. As mitologias, as histórias e filosofias africanas e afrodiaspórica estão traçadas nas obras da escritora, além das memórias e da língua, que ela denomina, “palavras transatlânticas, por terem herança africana”.

Nesse contexto, a presença de trabalhos como os de Zaila, evocam epistemologias que reúnem posicionamentos políticos e filosóficos centralizados na negritude. Suas criações afrofuturistas realocam as pessoas negras, propondo outras possibilidades de existência, projetando futuros melhores para essa população. Vale enfatizar, que suas publicações foram autofinanciadas, devido à dificuldade enfrentada no mercado literário e da impossibilidade de conseguir financiamentos para custear as obras.

Para fundamentar os estudos acerca da escritora Lu Ain-Zaila e sua produção literária, serão pontuados alguns conceitos centrais que abrangem a temática. Começaremos com o Movimento Afrofuturismo, por ser um dos princípios basilares das publicações a serem citadas. Serão abordados estudos sobre o conceito de afrofuturismo, bem como percorreremos os caminhos pelos quais o termo surgiu, o contexto americano e sua aceção no Brasil. Continuaremos explorando como a cena afrofuturista está inserida no Brasil em seus distintos gêneros.

O termo afrocentricidade, será analisado por ser um dos aspectos chaves nas elaborações de Zaila. Veremos outros pareceres que corroboram com a afrocentricidade, na tentativa de encontrar peculiaridades ou diferenciações acerca do conceito. Discutiremos as contraposições da afrocentricidade e seus vieses, propondo uma reflexão mais atenta diante das conjunturas expressas pelos autores.

No capítulo três, discorreremos as pistas encontradas sobre a literatura afrofuturista brasileira. Serão enfatizados os autores e autoras que produzem narrativas especulativas afrofuturistas, considerando suas publicações e participação no cenário editorial atualmente. Seguiremos com uma breve biografia de Zaila, pontuando sua entrada no setor literário. Daremos sequência, na exposição de seus livros, com análises publicizadas em sites e blogs.

Finalizaremos, mostrando o conto “Era afrofuturista”, detalhando seu enredo e comentando alguns fragmentos que merecem ser elucidados. Como a inclusão do conto entre as leituras obrigatórias do curso de Formação de Professores no IFPA (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará). Seus usos, materiais

e conteúdo que foram elaborados pelas turmas de Pedagogia, resultando em diversos materiais para usos pedagógicos. Ademais, exporemos os resultados dos levantamentos realizados em torno da abrangência/alcance, das obras de Lu Ain-Zaila no gênero Literatura Especulativa Afrofuturista.

1. Afrofuturismo ou Afrofuturismos?

Falar do Afrofuturismo não é uma tarefa fácil. Desde que iniciei esta pesquisa, surgem novos fatos que rondam o horizonte afrofuturista. Ao consultar as definições disponíveis sobre o afrofuturismo, constatei que existem uma gama vasta de elementos que compõe esse termo. A Academia Brasileira, o define como:

Movimento cultural, estético e político que se manifesta no campo da literatura, do cinema, da fotografia, da moda, da arte, da música, a partir da perspectiva negra, e utiliza elementos da ficção científica e da fantasia para criar narrativas de protagonismo negro, por meio da celebração de sua identidade, ancestralidade e história; em geral, obras pertencentes a este movimento procuram retratar um futuro grandioso, caracterizado tanto pela tecnologia avançada quanto pela superação das condições determinadas pela opressão racial, dentro do contexto da vivência africana e diaspórica. [Esta definição não exclui outras formas de descrever ou abordar o movimento, que possui conceituações variadas de diversos estudiosos e pesquisadores do tema.] (<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/afrofuturismo>, acesso em 12/08/2022)

O termo surgiu a partir do ensaio "Black to the Future" (De volta para o Afrofuturo) do teórico e crítico cultural, Mark Dery em meados de 1993/94. Constata-se que ele se baseou nas entrevistas realizadas com três artistas e intelectuais negros, Greg Tate, Tricia Rose e Samuel R Delany. No texto, ele questiona a ausência de autores afro-americanos na ficção científica e lança a seguinte pergunta: "Pode uma comunidade cujo passado foi deliberadamente apagado e cuja energia é então consumida pela busca de vestígios de sua história legível, imagine a possibilidade de um futuro?" Se Dery, popularizou a palavra Afrofuturismo, há vestígios de que este gênero multifacetado existe há muitas décadas anteriores a sua menção, como descreve Waldson, em sua pesquisa intitulada, "Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea":

[...] Sendo assim o que veio a ser denominado afrofuturismo, parte de um conjunto de reflexões. De qualquer forma, o termo passou a estar cada vez mais nas mãos de estudiosas e estudiosos negros interessados nas relações entre raça, tecnologias e ficção especulativa. É importante notar que obras com aspectos afrofuturistas já existiam

muito antes do termo, Dery apenas nomeou esse tipo de produção e o surgimento dessa corrente crítica proporcionou uma discussão mais direcionada. (SOUZA, 2019. p.32,33)

Nos levantamentos realizados foram encontradas publicações dedicadas ao Afrofuturismo, destacando artigos que tratam de suas diversas dimensões e recortes. Tal como o blog, afrofuturism.net, de origem americana, que traz conteúdos variados, com entrevistas, artigos, análises e imagens criativas, conceituando:

[...] o afrofuturismo é uma ideologia líquida formada por gerações de artistas, músicos, estudiosos e ativistas que visam reconstruir a "Escuridão" na cultura. Refletido nas histórias de vida e obras de figuras como Octavia Butler, Sojourner Truth, Sun Ra e Janelle Monáe, o afrofuturismo é um projeto cultural para orientar a sociedade.

E ainda:

Os primeiros afrofuturistas tinham tudo e imaginavam uma sociedade livre das algemas da opressão — tanto física quanto social. O afrofuturismo vislumbra alguns dos eventos futuros e o vazio do pensamento supremacista branco e estruturas que oprimem violentamente as comunidades negras. O afrofuturismo avalia alguns dos acontecimentos sombrios do passado e do futuro para criar melhores condições para a geração atual de negros através do uso da tecnologia, que muitas vezes é apresentada através da arte, da música e da literatura. (Este trecho foi retirado do artigo: Afrofuturismo sempre está olhando para frente, 04/04/2022. Disponível em: <http://afrofuturism.net/>)

Na lista de nomes que protagonizam a cena do Afrofuturismo, os americanos têm destaque, desde o início do século XX, há vestígios de escritos do sociólogo W.E.B DuBois, entre os anos de 1908 e 1910, com um conto de ficção especulativa, "A princesa de Aço". Tendo uma personagem que inventou um Mega escopo que podia ver através do espaço e do tempo. O COMETA, uma breve ficção especulativa, é mais conhecido e aparece entre estudos atuais, com relançamento recente. O conto retrata a cidade de Nova York vazia, após a passagem de um cometa misterioso que mata todos os habitantes, exceto um homem negro e uma mulher branca.

Seguindo os caminhos de DuBois, outros artistas, intelectuais e ativistas deram continuidade ao movimento especulativo negro, desafiando a normatividade branca racista. Alguns deles são citados nos estudos de Anderson:

[...] o Sun Ra, Fela Kuti, George Clinton, Max Beauvoir, Octavia E. Butler, John Coltrane, Alice Coltrane, Samuel R. Delany, Jimi Hendrix, Jean Michel Basquiat e muitos outros. No final do século XX, estudiosos como Molefi Kete Asante, Audre Lorde, Chinua Achebe, Ngugiwa Thiong'o, Greg Tate, Bell Hooks e Cornel West catalogaram a crescente

deterioração e anomia da produção cultural negra e o deslocamento em relação à transição para uma matriz político-econômica neoliberal, multinacional. Além disso, Anna Everett, Alondra Nelson, Paul D. Miller, Alex Weheliye, Kali Tal e outros, por meio de um fórum online durante o desenvolvimento conceitual inicial do afrofuturismo. (ANDERSON, 2015.p.232)

Em sua pesquisa, Anderson faz uma análise minuciosa da trajetória do Afrofuturismo, desde os seus primórdios até a atualidade. Nos últimos anos, o Afrofuturismo ultrapassou as barreiras do entretenimento sendo um movimento abrangente, que está presente em diferentes manifestações artísticas, filosóficas e política. Tendo algumas figuras que popularizaram a publicização do tema nas mídias. A jornalista, escritora e artista multimídia afro-americana, Ytasha L. Womack relata a evolução do movimento em sua obra, "Afrofuturism: The World of Black Sci-Fi e Fantasy Culture" (Afrofuturismo: o mundo da cultura negra de ficção científica e fantasia), lançado em 2013. Womack, percorre pelo movimento Afrofuturista explorando os inovadores do passado, em todas as suas expressões e segmentos, descrevendo as concepções de autores e produções como Matrix e os filmes de Will Smith, enfatizando as transformações das narrativas criadas e protagonizadas por pessoas negras.

Outra importante intelectual que se debruça aos estudos do Afrofuturismo é a Socióloga Alondra Nelson¹. A autora produziu estudos contundentes acerca das temáticas de raça e tecnologia. Seu estudo de introdução ao Afrofuturismo aborda interseção entre a cultura da diáspora africana e a tecnologia por meio da literatura, poesia, ficção científica e ficção especulativa, música, arte visual e Internet e sustenta que a identidade racial influencia fundamentalmente as práticas tecnoculturais:

[...] As previsões de um futuro utópico livre de raças (para alguns) e os pronunciamentos da exclusão digital distópica são os discursos predominantes na esfera pública. O que importa é menos uma escolha

¹ Estudiosa de ciência, tecnologia, medicina e desigualdade social, Alondra Nelson é Harold F. Linder Professor no Institute for Advanced Study, um centro de pesquisa independente em Princeton, Nova Jersey. Atualmente, ela lidera o Escritório de Política Científica e Tecnológica da Casa Branca e é vice-assistente do presidente Joe Biden.

Ela atuou como a 14^o presidente do Social Science Research Council, uma organização internacional de pesquisa sem fins lucrativos. Nelson foi anteriormente professora de sociologia na Universidade de Columbia, onde também atuou como reitora inaugural de Ciências Sociais. Nelson começou sua carreira acadêmica no corpo docente da Universidade de Yale, e lá foi reconhecida com o Prêmio Poorvu por excelência de ensino interdisciplinar.

Ela publicou livros e artigos premiados e amplamente aclamados. Nelson está atualmente trabalhando em um livro sobre política de ciência e tecnologia no governo Obama; "Sociedade depois da Pandemia", uma coleção de ensaios; e novas pesquisas explorando a sociologia da bioética.

entre essas duas narrativas... e mais o que elas têm em comum: ou seja, a suposição de que a raça é uma responsabilidade no século XXI... ou insignificante ou evidência de negligência. (Nelson, 2002.)

Como Nelson, há outras pesquisadoras e pesquisadores de renome no cenário afrofuturista. No caso de Lisa Yaszek, é autora do estudo, “Raça na ficção científica: o caso do afrofuturismo”. No texto, ela chama atenção para a existência de ficção especulativa criadas por negros há 150 anos:

[...] Mais especificamente, o que encontramos é que os autores de todas as cores – e eu certamente incluiria autores brancos nisso – usam a ficção científica para explorar as relações necessárias entre ciência, sociedade e raça e apostar que este artigo trata da conexão entre raça e ficção científica. Em particular, quero me concentrar no afrofuturismo – a conexão das raças afrodiaspórica e ficção científica. Então, sem mais delongas, vamos em frente. Como tenho certeza de que você sabe por saber, seja de suas próprias viagens pela ficção científica ou de um reivindicam para si e para suas comunidades no imaginário do futuro global. Como veremos, isso é especialmente importante no caso do afrofuturismo. E é exatamente isso que vamos ver hoje: a tradição de 150 anos de ficção especulativa escrita por negros chamada Afrofuturismo. (YASZEK, 2013. p .1)

Logo na introdução, Yaszek discute o fato que estudiosos defendem agora que a ficção científica tem sido um fenômeno global desde o seu início. Ela ainda cita a ficção científica no Brasil em 1830, saindo da China e Japão na década de 1960, adentrando na cultura industrial e consequentemente, estreando a modernidade tecnológica. Ela define o afrofuturismo em três objetivos básicos:

[...] A principal coisa que o afrofuturista artistas querem fazer é contar boas histórias de ficção científica; [...] Artistas afrofuturistas estão interessados em recuperar histórias negras perdidas e pensar em como essas histórias informam toda uma gama de culturas negras hoje. Eles também querem pensar em como essas histórias e culturas podem inspirar novas visões de amanhã. [...] O próximo objetivo dos afrofuturistas é mais positivo: não apenas lembrar o passado ruim, mas usar histórias sobre o passado e o presente para recuperar a história do futuro. (YASZEK, 2013. p .2)

Na sequência, Lisa traça o panorama do afrofuturismo nos Estados Unidos entre os anos de 1850 até 1960. Ela adentra as raízes do desenvolvimento do gênero e suas tradições, contextualizando as produções e seus autores. Datando cada publicação e fazendo uma linha cronológica das produções afrofuturistas americanas.

Nos últimos anos a busca por rastros de criações afrofuturistas cresceu. A cada consulta de dados nos deparamos com informações e datas distintas. Não objetivamos estabelecer a origem ou quais foram os fundadores do Movimento

Afrofuturista. São muitas as variantes pertencentes neste termo guarda-chuva que abarca cada vez mais, novos elementos e representatividades.

No segmento musical, o jazzista Sun Ra surge entre os primeiros artistas. Nascido em 1914, no Estado do Alabama, o musicista e sua banda Arkestra, ganharam notoriedade nos anos de 1950. Ra (Deus Sol egípcio) é considerado um dos fundadores do Afrofuturismo. Por onde passava, chamava atenção com os mantos egípcios e artefatos reluzentes, dourados e prateados. Os integrantes da sua banda também encarnavam figuras ancestrais e intergalácticas, celebrando a exuberância de novos mundos.

Ele afirmava publicamente que tinha sido raptado por extraterrestres de Saturno e regressado com a missão de salvar a população negra do planeta terra. Escreveu e atuou na filmografia “Space is the Place” em 1974, na qual a personagem que representa quer salvar os afro-americanos de uma eminente explosão na terra. Nos concertos, suas músicas eram profecias que enunciavam a libertação de seu povo, o que lhe conferia o reconhecimento de ativista.

A música é uma expressão que extrapola espaços, hoje artistas se inspiram no modelo cósmico e intergaláctico de Ra. A cantora Janelle Monaé é uma importante propagadora do afrofuturismo, com uma estética futurística e letras que tratam da temática racial, ancestral e tecnológica. Seguindo a lista Beyonce faz referências ao Afrofuturismo. Com a produção do filme Black is King, envolveu profissionais negros, incluindo africanos em todas as áreas da criação, trazendo elementos diferentes que são reconhecíveis na diáspora. Contando com roupas, paisagens e coreografias que



Figura 1

The Austin Chronicle - Sun Ra's Cosmic Jazz Epic
Space Is the Place Touches Down: Space Is the Place - Screens - The Austin Chronicle.
(A Crônica de Austin - O épico jazz cósmico de Sun Ra é o lugar que toca: o espaço é o lugar - Telas - The Austin Chronicle). Disponível em:<
<https://theoldreader.com/profile/thais?page=12>>

remontam a cultura africana. Elas são apenas exemplos de que o Movimento Afrofuturista promove a geração de novos paradigmas na execução de produtos

culturais. Uma vez que rompe com a lógica de seguir a mesma aparência formatada pela norma ocidental.

Neste sentido, Anderson enfatiza que há ciclos do Afrofuturismo. Segundo ele, a formulação inicial do século XX, questionava se a história dos afro-americanos havia sido deliberadamente apagada. Embora, o pensamento especulativo negro contemporâneo tenha raízes no nexo do racismo científico do século 19. O centro da discussão da obra é o amadurecimento do afrofuturismo como um fenômeno global, denominado: “O Afrofuturismo 2.0”:

[...] O afrofuturismo 2.0 é o início de um afastamento e uma resposta à perspectiva eurocêntrica da formulação inicial do afrofuturismo no século XX que questionava se a história dos povos africanos, especialmente na América do Norte, havia sido deliberadamente apagada. Ou, para ser mais claro, estudiosos, artistas e ativistas negros com visão de futuro não estão apenas reivindicando seu direito de contar suas próprias histórias, mas também de criticar a classe digirati europeu/americano de suas narrativas sobre outros culturais, passado, presente e futuro e, desafiando sua suposta autoridade de serem os únicos intérpretes das vidas negras e futuros negros. (ANDERSON, 2016. p. 230)

Podemos conferir que o Afrofuturismo é um Movimento de metamorfoses. As modificações ocorridas desde os seus primeiros vestígios mostram a capacidade de transmutações possíveis no decorrer do tempo e do espaço. Não buscamos conceitos que contrapõe o Afrofuturismo, como o Futurismo Negro ou mesmo o Futurismo de origem italiana, pois este não é o objetivo dessa pesquisa. A proposta é ampliar o horizonte diante do repertório complexo e abundante do qual está posto o Movimento Afrofuturista atualmente, conferindo suas múltiplas formas e facetas.

1.1 Afrofuturismo no Brasil

Os estudos acadêmicos dedicados ao afrofuturismo no Brasil são escassos, um dos primeiros materiais disponíveis em português foi a Revista Ponto Virgulina em 2019. A produção conta com artigos, análises, entrevistas, incluindo a do Mark Dery, citado anteriormente. Os referências nacionais encontrados ainda são muito recentes, como salienta SOUZA, em sua dissertação:

[...] A produção afrofuturista acadêmica também é recente no Brasil. Não existe, até onde eu saiba, algum livro teórico inteiramente dedicado ao tema escrito em português, nem mesmo tradução de obras estrangeiras. (SOUZA, 2021. p. 59)

Diante deste desafio, foram examinados todos os tipos de conteúdo disponíveis virtualmente, principalmente entrevistas e artigos em sites e blogs. Ao apurar as pesquisas acerca do Movimento Afrofuturista brasileiro, nos deparamos com Kênia² Freitas, ela desenvolve conteúdos no setor audiovisual de forma crítica, e têm estudos aprofundados em relação ao afrofuturismo em diversos vieses. Freitas conceitua o movimento:

[...] como podemos definir o afrofuturismo? Uma resposta sucinta é pensar o afrofuturismo como uma junção entre as narrativas de ficção especulativa e obras criadas a partir da autoria e das experiências negras. Entendendo a ficção especulativa mais como um termo guarda-chuva que abrange a ficção científica, a fantasia e o terror sobrenatural (e todos os seus subgêneros), do que como um gênero específico. Nesse sentido, a ficção especulativa trata de modos de existência, acontecimentos, situações e elementos que contrastam com as regras ou lógicas de funcionamento da realidade de quem lê/assiste - seja de forma radical, seja de forma sutil. Assim, é uma ficção de possibilidades imaginadas, de especulações. Nelas, existem elementos que só poderiam existir ou acontecer se houvesse uma alteração das condições de realidade postas. (FREITAS, 2021)

Kênia aborda o afrofuturismo e as obras ficcionais incorporando gêneros, colocando a ficção especulativa como um termo mais abrangente. Neste sentido, percebe-se que há uma gama de gêneros e segmentos a serem explorados no afrofuturismo. Que deixou de ser um simples termo e virou um Movimento multifacetado, que conecta novas tendências, seja na música, na estética, no audiovisual, nas artes plásticas etc.

Vale notar que, o Movimento Afrofuturista é relativamente novo no Brasil, contudo há registros de artistas que tiveram performances características, do que é considerado hoje, arte afrofuturista, como cita Rita em sua dissertação, “Singular e plural: os vários “eus” de Beleléu – Uma análise da performance como linguagem nos primeiros discos de Itamar Assumpção”:

[...] Por conta de tal característica multiculturalista e de sua abertura para o diálogo, torna-se evidente porque o Afrofuturismo serve tão bem para algumas comparações com a obra de Itamar à luz de nossa própria contemporaneidade. Assumpção, há anos, muito antes de o movimento

² Kênia Cardoso Vilaça de Freitas é uma pesquisadora, crítica e curadora em cinema, especialista em afrofuturismo e cinema negro [1]. Realizou graduação em Comunicação Social na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestrado em Multimeios no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA-Unicamp) e doutorado na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) [1]. Além disto, realizou estágios pós-doutorais na Universidade Católica de Brasília (UCB) e na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita” (UNESP, campus Bauru) [1]. Fonte: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/K%C3%AAnia_Freitas>

de formar, já se questionava acerca do papel limitado que era imposto ao negro na cultura, fosse como consumidor ou como produtor. (SILVA, 2012. p. 202)

Rita de Cassia, relaciona as produções não convencionais propostas no afrofuturismo com as atuações elaboradas por Itamar Assumpção, “enveredando a transdisciplinaridade, apresentando um diálogo vigoroso permitindo diferentes interpretações e reações”, são alguns dos fatores apontados por ela.

Seguindo o fio condutor dos levantamentos de Rita, o Movimento Afrofuturista atravessa fronteiras de pensamentos, ideias e conhecimentos que abrem conexões para experiências dinâmicas, uma vez que tece uma linha não cronológica, mas espiralar entrelaçando presente, passado e futuro. Esta abertura favorece a articulação de jovens negros que expressam por meio da arte, representações de si e sua realidade. Como o artista³ plástico, No Martins, paulistano que teve o primeiro contato com artes visuais nas ruas de São Paulo, através da pixação e do Grafitti, no ano de 2003.



Figura 2
Vigiar e Punir (2020), No Martins na Galeria Jack Bell. Foto: Divulgação. Na foto, a criança pinta uma figura do Mickey Mouse; o termo "rato" é utilizado para ser referir à polícia. Disponível em: < <https://artebrasileiros.com.br/arte/exposicoes/no-martins-individual-social-signs>>

Seus trabalhos foram expostos em diferentes espaços e galerias de São Paulo, como em outros estados brasileiros, além de expor no Reino Unido e na Austrália.

Felipe Borges é outro expoente das artes visuais. Ele pesquisa tradições africanas com foco na arte Etíope e Egípcia, com influência na cultura Rastafári. Suas criações envolvem murais pela cidade de São Paulo, pinturas em telas e ilustrações

³ Entre as exposições que participou, destaca-se Histórias Afro-atlânticas no MASP e Instituto Tomie Ohtake. No segundo semestre de 2019, No Martins participou da 21ª Bienal SESC VideoBrasil e realizou individual no CCSP. Sua produção artística transita em meio a pintura, performance e experimentação com objetos, nas quais Martins investiga as relações interpessoais cotidianas, principalmente a convivência do negro/a no cotidiano urbano, problematizando questões de territorialismo, acesso, racismo, mortalidade e encarceramento da população negra brasileira

digitais. Desenvolvendo trabalhos paralelos com as artes plásticas, design gráfico e arte educação.

A cena musical afrofuturista transita por distintos estilos, desde o Jazz com o pianista carioca Jonathan Ferr, que reconfigurou o estilo usando elementos do hip hop, funk, soul, música eletrônica e elabora uma estética particular com tonalidade afrofuturista. O gênero conta com outras personagens em destaque, como a cantora Xênia França. Referência no empoderamento e comportamento feminino, propagando a cultura afro-brasileira, estreou o álbum Homônimo, por meio de sonoridades com toques eletrônicos, do jazz, samba-reggae, R&B e do rock. Recebeu indicação em 2018 ao Grammy Latino, com o sucesso “Pra que me chamas”.

Outra artista musical é Ellen Oléria, uma compositora formada em Artes Cênicas na Universidade de Brasília. Ela tem cinco discos lançados entre os quais, um projeto que durou três anos de pesquisa, a obra cênico-musical de Sun Ra e Grace Jones, a ficção científica de Octavia Butler, a performance musicada de Itamar Assumpção e a alquimia espacial de Jorge Bem Jor, entre outros artistas brasileiros, ela explicita em sua fanpage:

[...] a partir da consciência da elaboração do mundo dos sonhos, da ficção, e eu acredito que um texto poético cheio de metáforas nos aproxima da ficção, o afrofuturismo explora um novo futuro para a raça negra, focando produções já presentes no imaginário negro no grafite, na arte gráfica, na música, principalmente eletrônica. mas não é essa música eletrônica como produto que me interessa, mas sim como poderemos utilizar os recursos tecnológicos de produção de som sem abandonar os elementos mais orgânicos da nossa música tradicional. ao ressignificar esse som (timbres, interferir nos grooves...) ressignificamos o mundo. estive escrevendo bastante pensando em ficção. temos algumas experiências em estúdio que também ajudam a apontar os rumos desse laboratório. Esse trecho foi retirado na página oficial da cantora. Disponível em:<
<https://www.ellenoleria.com.br/single-post/2015/03/29/ser-afrofuturista>.

Os artistas supracitados, demonstra a magnitude de combinações e hibridez existentes no afrofuturismo. Seu dinamismo acompanha fusões de estilos, gêneros, segmentos e adentra espaços que ganham novas formas e releituras. Temas tais como: empreendedorismo, inovação, tendências, tecnologia e festival, são apresentados no site, afrofuturismo.com.br. Com a frase: “De festival a plataforma, Afrofuturismo atua como ponte de conexão”, são exibidos conteúdos que vão desde um Festival de Afrofuturismo de 2021, ocorrido virtualmente, com discussões sobre

algoritmo, estereótipos, filmes, ferramentas da Tecnologia da Informação (TI), filmes, documentários e notícias. De acordo com o site, essa é a terceira edição do evento, que acontece no estado da Bahia.

Ao eleger a Literatura Afrofuturista da Lu Ain-Zaila como objeto central deste artigo, não nos atentaremos aos detalhes dos demais segmentos do Movimento Afrofuturista. Essa escolha deve deixar hiatos, contudo, traçaremos os caminhos da sua literatura especulativa de perspectiva afrocêntrica, por este ser um dos elementos chaves das narrativas criadas pela autora.

2. A escrita Afrocentrada

Para a escritora, o uso da Afrocentricidade é uma premissa em suas obras. Ela destaca a importância em escrever tendo presentes os referenciais africanos e afro-brasileiros, enfatizando a necessidade em falar de raça e ser negra, neste caso, por outros vieses e por outras mãos. (ZAILA, 2018).

A Afrocentricidade é uma concepção hoje bastante discutida na Academia, por tratar das temáticas negras reivindicando uma análise de localidade dos agentes que são examinados. Este fato merece cuidado, devido as críticas severas que sustentam a tese de que a afrocentricidade seria uma espécie de eurocentrismo às avessas. Para desmistificar tais ideias, o pesquisador Molefi Kete Asante fez estudos contundentes, dando a oportunidade, posteriormente, a outros pesquisadores se debruçarem no campo de estudos afrocentrados, como cita:

[...] A origem da Afrocentricidade como uma ideia intelectual remonta até a publicação do meu livro *Afrocentricity: The Theory of Social Change* [Afrocentricidade: A teoria de mudança social], entretanto, eu não criei a palavra. A palavra "Afrocêntrico" havia sido usada por Kwame Nkrumah, líder de Gana, em 1961 em um discurso na Universidade de Gana, em Legon. No entanto, foi com a publicação do livro *Afrocentricity: The Theory of Social Change* que a perspectiva que buscou privilegiar a identidade, os conceitos, os pensamentos e as ações africanas foram nomeados ao falar para ou sobre o povo africano no contexto da história. Outros autores, especialmente Linda James Myers, C. Tsehloane Keto, Maulana Karenga, Ama Mazama, Daudi Azibo e outros rapidamente expandiram a ideia e introduziram o trabalho em outras áreas de erudição. (ASANTE, 2016. p.12)

Molefi desenvolveu estudos aprofundados na Teoria de mudança social, definindo a afrocentricidade como um tipo de pensamento, práticas e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos agentes de fenômenos, atuando sobre sua própria

imagem cultural. Em seus escritos, ele afirma que é fundamental considerar a localização, no caso dos africanos há uma marginalização diante da experiência eurocêntrica:

[...] eu escrevi o livro Afrocentricidade: A teoria de mudança social] em 1980, como uma lança no ventre do eurocentrismo que tinha estrangulado a criatividade intelectual dos povos africanos em uma gaiola do pensamento imperial ocidental tentei enfatizar o lugar dos africanos como agentes de ação, mudança, transformação, ideias e cultura. Por causa do deslocamento físico dos africanos durante o comércio europeu de escravos, fomos afastados de nossos centros culturais, psicológicos, econômicos e espirituais e colocados à força na cosmovisão e no contexto europeus. ASANTE, M. Ensaios Filosóficos, Volume XIV– dezembro/2016.

Asante, faz um panorama detalhado dos desdobramentos provocados pelo desprezo de intelectuais e escritores diante das criações africanas. Quais fossem, na música, na dança, na arte, na ciência, vistos e categorizados como algo diferente do resto da humanidade. Seu posicionamento é rígido no que tange a proteção dos valores e elementos culturais africanos como parte de um projeto humano.

Para validar suas teorias, o intelectual percorre estudos minuciosos de diversas fontes. E declara que a afrocentricidade se dedica fundamentalmente ao eu coletivo, e, portanto, está proativamente engajada na criação e recriação da pessoa em grande escala. E ainda pontua:

[...] O que os africanos fazem no Brasil, na Colômbia, na Costa Rica, na Nicarágua, no Panamá, na Venezuela, nos Estados Unidos, na Nigéria, em Gana, em Camarões, no Congo e na França é parte de uma ascensão geral e coletiva à consciência, na medida em que tenha como objetivo o processo de libertação. (ASANTE, 2009.p. 104)

Suas investigações ultrapassam a noção de territórios, levando em consideração o processo de análise mais efetivo da realidade. Nesse sentido, o teórico salienta que os afrocentristas devem procurar a agência⁴ africana em toda a construção metodológica. E sistematiza algumas características mínimas para um projeto afrocentrado, são eles:

[...] 1) Interesse pela localização psicológica; 2) Compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito; 3) Defesa dos elementos

⁴ Um *agente*, em nossos termos, é um ser humano capaz de agir de forma independente em função de seus interesses. Já a *agência* é a capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana. Em uma situação de falta de liberdade, opressão e repressão racial, a ideia ativa no interior do conceito de agente assume posição de destaque. Qual o significado prático disso no contexto da afrocentricidade? Quando consideramos questões de lugar, situação, contexto e ocasião que envolvam participantes africanos, é importante observar o conceito de agência em oposição ao de *desagência*. Este conceito é apresentado na obra: Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora. (2009.p 94 e 95).

culturais africanos; 4) Compromisso com o refinamento léxico; 5) Compromisso com uma narrativa da história da África. (ASANTE, 2009.p.96)

Em sua tese, as características mencionadas acima são detalhadas, sublinhando o que é ser africano, e argumenta que a consciência determina a abordagem dos fatos, não a biologia. As observações sustentam que a cultura europeia deve ser vista como estando ao lado, e não acima das outras culturas.

As investigações realizadas pelo pesquisador atravessam territórios, continentes e histórias forjadas ao longo dos tempos, mas, que se tornaram universais, normais e naturais. No Brasil não é diferente de outros lugares. Os argumentos mais comumente usados para negar o racismo e a supremacia branca, segundo Ama incluem:

[...] 1) aceitação implícita da brancura como norma ideal; 2) negação da raça como categoria socialmente relevante; 3) negação da raça como realidade física e louvação da mistura racial; 4) negação da existência de uma especificidade cultural africana e louvação da mistura cultural; 5) corte espacial (“não aqui”); 6) corte temporal (“não mais”). Tal negação tem a trágica consequência de tornar virtualmente impossível resistir a supremacia branca. (MAZAMA, 2009.p.113)

A autora Ama Mazama, desenvolve reflexões acerca da afrocentricidade como um novo paradigma que desafia o eurocentrismo. Ela argumenta que os eurocêntricos destituíram a soberania dos africanos, tornando-os invisíveis – até mesmo aos próprios olhos, em muitos casos. As constatações da pesquisadora tecem pressupostos, conceitos, convicções e teorias, que segundo ela, podem ser mal interpretados no que se refere ao paradigma da afrocentricidade. No entanto, os dados exibidos são pormenorizados traçando levantamentos continuados por outros estudiosos, como Wade Nobles, que denominou de “encarceramento metal” a operação na qual o espaço psicológico e intelectual dos negros fora submetido a norma ocidental.

Tanto Mazama, Asante, entre outros cientistas, buscaram bases sólidas para sistematizar abordagens orientadas na centralidade da experiência africana. Ou seja, a transformação da relevância epistemológica africana é um princípio científico operacional. Não vamos esgotar os argumentos que tratam da afrocentricidade, embora seja de grande valia, expor as discussões que circundam essa temática.

A afrocentricidade evoca contrariedades nos círculos de estudos culturais. Se por um lado há entusiasmo para validar a centralidade africana nas análises, por outro,

há teses que sustentam a inexistência de um “essencialismo” negro. Como na obra “O Atlântico negro”, do inglês Paul Gilroy. Seus escritos são um bom exemplo de crítica as teorias afrocentradas. Para ele, nunca houve uma convivência com grupos homogêneos sem divisões internas de gênero e classe. Logo no prefácio, Gilroy explica sua tentativa de mostrar aos estudantes, que a experiência do povo negro, fazia parte da modernidade:

[...] O Atlântico negro desenvolveu-se a partir de minhas tentativas irregulares de mostrara esses estudantes que as experiências do povo negro faziam parte da modernidade abstrata que eles achavam tão intrigante; e de provar algumas coisas que os intelectuais negros haviam dito - as vezes como defensores do Ocidente, outras vezes como seus críticos mais agressivos- sobre seu sentido de inserção no mundo moderno. (GILROY, 1993. p.27)

Ele salienta um modo transnacional de pensar sobre a experiência negra no mundo, a partir da constatação de que as comunidades negras de ambos os lados do Atlântico, passaram por uma intensa troca desde os séculos XVIII e XIX, não limitando-se ao tráfico negreiro. Neste contexto, o intercâmbio cultural, vivenciado pelos dois lados do Atlântico, possibilitava não somente as trocas de mercadorias, mas também de músicas, literatura, comidas etc. Além disso, as imigrações entre os chamados países do terceiro mundo para o primeiro mundo, continuaram durante o século XX.

A produção de Gilroy, ganhou notoriedade e ele é considerado uma referência no campo dos Estudos Culturais. Ao rejeitar a noção de identidade enraizada, autêntica, natural e estável, ele redefine a mecânica cultural e histórica do pertencimento. As colocações do autor devem ser avaliadas, no que se refere ao cruzamento de grande contingente de povos entre África e Ocidente. Apesar do reconhecimento do intelectual, existem contraposições que o consideram desconectado em explorações, como cita Mark, no ensaio: *Conexões da Diáspora Africana - Uma resposta aos críticos da Afrocentricidade*:

[...] Gilroy dá forte indicação de que está desligado da luta dos povos africanos. Ele propõe uma abordagem pós-moderna da experiência negra, fragmentada, do tipo “mistura e manda”. Ele veste a “máscara” e busca a aprovação da base intelectual majoritária europeia na academia ocidental. (CHRISTIAN, 2001. p. 157 – cap 6)

O pesquisador inglês, Mark Christian é incisivo nas ponderações sobre a obra de Gilroy. Ele defende que há de recorrer ao reservatório de potenciais estudos

comparativos para construir a noção de Atlântico Negro. Sendo específico para as análises sociais, econômicas, políticas e culturais alicerçada na ótica dos povos de ascendência africana.

Vale mencionar que o conceito Quilombismo de Abdias Nascimento desde o seu surgimento foi considerado por Asante e outros um pensamento afrocêntrico, assim como suas obras em tela e hoje temos desdobramentos importantes acerca do tema dentro da Filosofia Africana junto com outros pensamentos sociais brasileiros. (Este fragmento foi escrito pela própria Lu, uma contribuição para este capítulo, além de outras observações primordiais para meus estudos-ZAILA,2022.)

Em linhas gerais, selecionamos formulações de diferentes autores no intuito de ampliar o debate a respeito da afrocentricidade. Vale notar que, os levantamentos expressos, contribuem significativamente para o entendimento do que são os estudos afrocentrados de maneira mais plural. Dando a oportunidade de refletirmos e buscarmos outros pareceres das concepções descritas, tendo em conta que, especificamente nas produções de Zaila, Afrocentricidade e Literatura Afrofuturista se amalgamam. Embricadas em linguagens que enaltecem o povo negro. Legitimando suas raízes, suas localidades, em África ou na diáspora, com filosofias, culturas, saberes e memórias que as malvadezas do ocidente não conseguiram apagar.

3. A Literatura Afrofuturista brasileira

Em relação ao mercado editorial, estudos apontam que as mulheres negras enfrentam mais dificuldades em acessar esse espaço. De acordo com Simone Freire, que cita em seu artigo, “Mulheres negras encontram na produção literária independente a oportunidade de romper com a invisibilidade”:

[...] A produção literária feminina sempre encontrou maiores dificuldades de se inserir no mercado editorial. No recorte de gênero, a participação de mulheres negras é ainda mais ofuscada, se comparado à produção de mulheres brancas. Dentro de um cenário efervescente, escritoras negras buscam na produção independente a oportunidade de ter voz e recontar suas histórias. (Artigo divulgado pelo Portal Geledés.) Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-encontram-na-producao-literaria-independente-a-oportunidade-de-romper-com-a-invisibilidade>>.

O artigo em questão enfatiza a forte presença de autoras e autores brancos (os), com a predominância de 79,8 de personagens brancos (os), nos 258 livros que foram analisados entre os anos de 1990 e 2004. A matéria mostra a importância do

protagonismo feminino ocupando esse cenário, tanto na produção como nas personagens. Oportunizando outros papéis associados a mulher, para além do trabalho doméstico.

Outro segmento literário restrito, é a ficção científica, que dificilmente apresenta histórias protagonizadas por personagens não brancos, com pouca presença de escritoras e escritores negros. A situação se acentua para o gênero feminino. Poucas mulheres aparecem na cena de ficção no Brasil, principalmente as mulheres negras, como destaca Waldson, em sua dissertação:

[...] Esse perfil, em ambos os casos, é composto por sujeitos brancos, heterossexuais, de classe média, sem deficiência, e está presente na literatura, no cinema, nas séries de televisão e nos jogos eletrônicos de um modo geral. (SOUZA, 2019.p. 22)

Esse tipo de leitura, continua sendo considerado literatura menor e de entretenimento. Para melhor compreensão do que tange a literatura de ficção especulativa, vale salientar que:

[...] a ficção especulativa pode servir de termo guarda-chuva para agregar fantasia, ficção científica e horror sobrenatural. Essa abordagem identifica similaridades entre esses três gêneros, pois são narrativas com a possibilidade de criar mundos, de mudar as regras da nossa realidade, de imaginar alternativas, de especular no sentido mais literal do termo. (SOUZA, 2019. p. 21)

Nota-se que há variações de narrativas e subgêneros, entre as quais, Souza pontua a presença de três denominações maiores. São elas: fantasia, ficção científica e horror sobrenatural. Não é objetivo deste estudo aprofundar a questão dos gêneros literários, embora seja de grande valia conhecer os elementos que suleiam⁵ a literatura chamada especulativa. Considerando um segmento em expansão, a feitura de textos afrofuturistas no território nacional, aos poucos ganha espaço para as novas gerações. Um deles é o carioca Fábio Kabral, autor de ficção especulativa com foco em fantasia. Com quatro obras publicadas, “Ritos de passagem” em 2014, “O caçador Cibernético da Rua 13”, “A Cientista Guerreira do Facão Furioso” em 2017 e “O Guerreiro Bruxo das Redes Sobrenaturais” em 2021. Ele define o Afrofuturismo:

⁵ O termo SULEar – proposto em 1991 - problematiza e se opõe ao caráter ideológico do termo nortear quando aplicada no Sul, dando visibilidade às perspectivas do Sul numa maneira de contrariar a dominante lógica eurocêntrica do Norte construída como uma referência universal. Contribuições para uma educação formal e não formal em uma lógica e uma episteme do SUL, pretendem estabelecer uma perspectiva crítica e decolonial aos problemas e contradições apresentadas em textos, artefatos (globos e mapas) e métodos ensinados em nossas escolas e fora delas em outros espaços sociais. Disponível em: <<http://sulear.com.br/texto06.pdf>>. Acesso em 15 ago. 2022.

[...] também gosto de definir o afrofuturismo como um resgate natural do passado africano de pioneirismo na ciência, arte, tecnologia, espiritualidade e literatura, pensando na declaração do cientista senegalês Cheikh Anta Diop: “A ciência, a medicina, a filosofia, a arquitetura, a engenharia, a astronomia e a arte civilizada surgiram primeiro no Vale do Nilo, criadas por negros africanos”. (Disponível em: <<https://fabiokabral.wordpress.com/2020/06/29/artigo-e-atividades-bem-didaticos-sobre-afrofuturismo>>

Nessa passagem, Kabral sintetiza a ideia do Afrofuturismo e salienta a necessidade de resgatar a história africana, bem como suas descobertas científicas e metodologias e técnicas precursoras em tantas áreas do conhecimento. Vale lembrar que o autor se identifica com a afrocentricidade, conceito que vai de encontro com as produções de Lu Ain-Zaila, que será apresentada mais adiante.

Alê Santos, segue na lista de escritores em destaque, o roteirista especializado em videogames e storytelling, produz obras de ficção científica e fantasia afro-americana. Criou o podcast, Infiltrados no Cast, no qual comenta o Movimento Afrofuturista. Participando da coletânea internacional Cautions, Dreams & Curiosities: The Tomorrow Project. Em 2019, publicou o conto “Cangoma”, de plataforma 21 na coletânea Todo mundo tem uma primeira vez e em 2020, foi finalista do famoso prêmio Jabuti, com a obra “Rastros de Resistência, história de luta e Liberdade do Povo Negro”. Seu derradeiro livro “O Último Ancestral”, foi lançado em 2021.

Para Santos, o Afrofuturismo “é um movimento que vai buscar na ancestralidade uma ponte para a experiência do negro no futuro”. E destaca:

[...] a narrativa afrofuturista esteve presente na construção do hip hop com Afrika Bambaataa, um dos precursores do gênero. “Há também alguns artistas como o Basquiat que tenta conectar a ancestralidade com um imaginário da rua. O próprio Michael Jackson já tinha várias ideias de futuro e isso aparecia em filmes e músicas dele”. (Este fragmento foi retirado de entrevista concedida a Fundação Telefonicavivo em 28 ago. 2020. Disponível em: <<https://fundacaotelefonica.org.br/noticias/afrofuturismo-o-que-e-o-movimento-e-como-esta-representado/>> Acesso em ago.2022.

A linguagem literária afrofuturista nos convida a pensar para além da cronologia e norma ocidentais. Pelo contrário, provoca os leitores a reorganizar pensamentos acerca do mundo, dos enfrentamentos cotidianos e dos processos traumáticos vivenciados no passado. As histórias dos povos pretos e não brancos ganham novas projeções e contextos, que potencializam caminhos diversos para o futuro. Por outro lado, os escritores brasileiros e brasileiras, enfrentam muitos desafios para publicar

suas obras. É o que relata o artigo “Literatura Afrofuturista: para pensar um futuro negro”:

[...] Publicar livros no Brasil é uma tarefa árdua e autores negros costumam ter ainda mais dificuldade para ver seus trabalhos inseridos no mercado editorial. Nesse contexto, pensar em um selo editorial que volte seus esforços para a publicação de literatura afrofuturista brasileira pode parecer algo tão distante quanto a existência de carros voadores. Disponível em <http://jornalismojunior.com.br/literaturas-afrofuturistas-para-pensar-um-futuro-negro/>. Acesso em ago.2022

Escritoras e escritores negros acabam buscando diferentes estratégias para se inserir no mercado editorial. Grande parte autofinancia as próprias obras, recorrem a financiamentos coletivos e procuram alternativas para lançar suas produções. Um exemplo de concretização coletiva é o Projeto Kitembo Edições Literárias do Futuro. Surgiu em 2018, propondo um espaço seguro para pessoas negras publicarem seus livros, fundado na Brasilândia por Israel Neto, Anderson Lima e Aisameque Nguenge. O selo publicou títulos como “Amor Banto em Terras Brasileiras (2018) e os Planos secretos do Regime (2020). Encorajados, se posicionaram a não publicar conteúdos de poesias ou realismo, fomentando a fantasia, terror, afrofuturismo, gerando empecilhos no início do projeto.

Nesse sentido, cabe a reflexão diante das reincidências que atingem a população negra, que confronta sistematicamente os impedimentos para alcançar os espaços almejados, seja em quaisquer setores. Essas permanências surgem como um *modus operandi* que cria obstáculos, na medida que pessoas de “outras” esferas sociais tentam assumir protagonismo em uma área restrita aos que sempre a ocuparam. Ou seja, no campo literário há divisões, entre alta literatura e as outras, como as vistas de engajamento. A pesquisadora Érica, aponta essa diferenciação em seu estudo “Literatura marginal”: os escritores da periferia entram em cena:

[...] Outra questão diz respeito à apreciação crítica dessa produção, uma vez que a literatura engajada será sempre considerada aquém da “alta literatura” ou da “arte pela arte”, que têm como funções ultrapassar questões morais, políticas e éticas. No caso dos escritores da periferia, um agravante é que seus textos estão sujeitos a serem avaliados apenas como manifestação de um grupo social ou vistos como panfletos nos quais se registram críticas sociais. (NASCIMENTO, 2006. p. 85)

Em sua tese, Érica estuda autores da literatura dita “periférica” ou “marginal” na cidade de São Paulo. Ela faz uma pesquisa minuciosa, com registros da trajetória dos artistas, Ferrez, Sacolinha e Sérgio Vaz, além de contar com outros autores que

contribuem para a cena literária da região. Sua análise tem um foco específico, contudo, vale chamar a atenção para a realidade do campo literário, quando exerce em alguma medida, uma espécie de hierarquia entre as publicações. Mais adiante, Nascimento discorre acerca da carreira da autora Carolina Maria de Jesus, evocando as similitudes de origem e classe social de ambos. No caso da Carolina, seu êxito foi uma exceção, no quadro das escritoras negras, particularmente, ela está no topo da lista. Contraditoriamente, após o sucesso meteórico, a escritora do best seller “Quarto de despejo – Diário de uma Favelada”, foi invisibilizada, chegando ao ostracismo até sua morte em 1977.

Falando especificamente da participação de mulheres negras na literatura, seguindo o posto de Carolina, Conceição Evaristo e Maria Firmina dos Reis, formam a tríade que atingiu um determinado espaço de reconhecimento. Maria Firmina dos Reis, não viveu para ver sua produção sendo tema de pesquisa na academia, como também as republicações de seus livros.

A presença de mulheres na literatura afrofuturista é mais restrita. Se para os homens há obstáculos no mercado editorial, para as mulheres o caminho é mais espinhoso. No Nordeste, o Sertãopunk⁶ reúne mitologia brasileira, cultura nordestina com pitadas futuristas. A escritora cearense Gabriele Diniz e os escritores Alan de Sá e Alec Silva explicam o termo no artigo “Sertãopunk: as culturas do Nordeste como força motriz para uma ficção científica brasileira”:

[...] o sertãopunk parte do princípio de que os nove estados nordestinos, em toda sua pluralidade de culturas, saberes e cenários são fonte de inspiração para ficções científicas e fantasias que reimaginam os territórios com a legitimidade literária de quem neles vive. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2019/10/11/sertaopunk-culturas-nordeste-como-forca-motriz-para-uma-ficcao-cientifica/>>.

Gabriele Diniz, conhecida como G.G. Diniz é criadora do canal Usina de Universos, tem contos publicados e um livro coletivo (Sertãopunk), intitulado “Histórias de um Nordeste do Amanhã”. Ela enfatiza que foi interessante pensar um futuro nordestino e acrescenta: “amo meu país Nordeste, e sempre fui bastante ciente das possibilidades da região. Mas definitivamente mudou o modo como eu encarava a minha própria produção literária”. Como Gabriele, outras autoras negras brasileiras

⁶ O termo punk faz ainda mais sentido se explicada uma das causas do nascimento do movimento. Ele é uma resposta contundente ao termo cyberagreste, que começou a ganhar notoriedade com as ilustrações de Vítor Wiedergrun.

pegam atalhos para elucidar suas produções. Em geral, a literatura afrofuturista escrita por mulheres negras é uma iniciativa muito nova, a maioria das publicações são realizadas de forma coletiva.

Para contrastar esse panorama nebuloso, no qual as mulheres defrontam, apresentaremos a autora de literatura especulativa afrofuturista, Lu Ain-Zaila. Contrariando as estatísticas, ela desponta no elenco das escritoras deste segmento, como trataremos a seguir.

4. De Luciene Marcelino Ernesto

Luciene Marcelino Ernesto é uma escritora que usa o pseudônimo de Lu Ain-Zaila, carioca da cidade de Nova Iguaçu, Pedagoga formada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Foi professora em cursos pré-comunitários, apresentou trabalhos no Congresso de Pesquisadores Negros (COPENE), trabalhou com a Lei 10.639/03 (História da África e afro-brasileira-brasileira), entre outros trabalhos executados.

Na primeira entrevista que fizemos, Lu relata sua jornada pela educação infantil, com alguns episódios de racismo, como qualquer criança negra experimenta no ambiente escolar. Tanto nas atividades da escola, como no Sítio do pica-pau amarelo, que fazia da personagem Anastácia a única referência negra, uma empregada que servia todos os outros. Não havia contato com leituras literárias na “baixada”, as crianças brincavam nas ruas. Ela lembrou-se das amizades que teve e dos momentos felizes, apesar das circunstâncias.

Luciene, cursou Processamento de Dados e se interessava por tecnologia, gostava de temas relacionados a dados, caracteres e algoritmos e tinha bastante facilidade em resolver os problemas dessa área, fazia provas, tinha notas máximas, entretanto, não era chamada para compor as vagas de trabalho as quais se inscrevera. Foi estagiária em um Instituto de Advocacia Racial e Ambiental, e posteriormente como funcionária. Depois, ela atuou durante anos nos cursos pré-comunitários na baixada. Mesmo após cursar Pedagogia na UERJ, não conseguia exercer a profissão de Pedagoga, decidiu executar trabalhos em outras áreas.

Lu, relata que seus pais precisavam trabalhar para sustentá-los, e ficavam praticamente todo o tempo fora. Depois, na vida adulta, era ela quem estava fora,

trabalhando nos finais de semana. Seu núcleo familiar é composto pelo pai, a irmã Andreia e o irmão André, já adultos, sua mãe Maria, faleceu em 2021 de covid-19.

4.1 A Lu Ain-Zaila

Para falar da literatura feita por Lu Ain-Zaila, há de considerar alguns aspectos peculiares que rondam sua experiência, de mulher afro-brasileira, Pedagoga, Professora e ativista. Ela escreveu seu primeiro texto em 2007, chamado “Caminho Sankofa de Nande”, que foi selecionado em um concurso de contos para a Lei 10.639/03, e lançado pela revista Eparrei, da Casa de Cultura da Mulher Negra em São Paulo⁷. Passados alguns anos, ao visitar a Bienal do livro no Rio de Janeiro em 2015, ela se depara com a ausência de autoras (es) negras (os), no campo da ficção, e conclui que há algo errado ali. Nas palavras de Lu, ao Blog Refúgio Literário:

[...] “A literatura não me enxerga, então passei muito tempo sem vê-la também até que resolvi voltar e ver o que tinha de novo com tantas feiras, mas não vi na literatura jovem/adulta a diversidade que esperava encontrar”. (ZAILA, 2016)

A citação acima, mostra a situação vivenciada por ela ao não encontrar leituras plurais para comprar na Bienal. Assim, em agosto de 2015, Luciene seguiu uma nova rota, pesquisando todos os dias e escrevendo onde podia: no trem, no metrô e em sua casa, levando sete meses para terminar a primeira parte da Duologia Brasil²⁴⁰⁸, (In)Verdades em 2016 e (R)Evolução em 2017. Um livro de contos, intitulado Sankofia, em 2018. Sua última publicação, é a novela cyberfunk, Ìségún em 2019, não incluindo aqui contos avulsos e em coletâneas.

A própria Zaila descreve sua percepção afrofuturista em um Ensaio, intitulado: “Afrofuturismo - O espelhamento negro que nos interessa”, dando informações precisas acerca do princípio chave dos seus textos, o que ela não abre mão. Além de apresentar a concepção “Consciência dos três círculos do Afrofuturismo”, inspirado no ideograma Adinkrahene⁸

⁷ O registro foi encontrado no Blog Refúgio literário, datado em 11/01/2017, mas com a menção da entrevista no final de 2016. Disponível em: <https://refugioliterario.com.br/2017/01/lu-ain-zaila.html>

⁸ O Ipeafro, como seu criador Abdias Nascimento, se dedica à missão de recuperar a dignidade humana dos povos africanos, que em tempos antigos saíram soberanos de sua terra, levando cultura e conhecimento à Ásia, à Europa e às Américas. Os elos de suas vidas foram rompidos apenas em tempos recentes de dispersão e opróbrio durante o episódio da escravização. Uma dessas tradições é

- 1- A origem intelectual é negra, o protagonismo da produção é indissociável.
- 2-O renascer consciente de si mesmo, pois não existe visão afrofuturista sem passado esclarecido e presente compreendido (pensamento afrocentrado).
- 3- Ter uma consciência histórica, social e política é mote, pois mesmo que não esteja presente tão diretamente na produção, indiscutivelmente estará na sua construção criativa em termos de cultura, construção de personagem/obra/arte/etc. O que exige também a formulação uma psiquê que corresponda ao discurso direto e/ou indireto construído por seus autores. (ZAILA, 2018.p. 9)



retirada

Figura 3
Disponível no ensaio “O espelhamento que nos interessa”.

Adinkrahene

Em seus textos, a autora reforça que é preciso pensar outras concepções de realidade para as populações negra e afrodiaspórica. Concedendo assim, o reconhecimento e a localidade de pessoas destituídas de se sentirem criadoras da sua história, como orienta abaixo:

[...] Então, o que eu defendo através da literatura afrofuturista é o seu poder de contestar os lugares culturais e psicológicos hegemônicos a partir da Afrocentricidade como eixo, lembrando que os sujeitos produtores afrofuturistas são pessoas negras. E o seu potencial educacional contracolonial que busca aliados em cisão com a branquitude como um sistema educacional. Sendo assim, o Afrofuturismo é importante para mim como um lugar político onde minha visão de mundo é pautada em termos de saberes produzidos por africanos. E a literatura é meu ato de arte-política, onde mesclo de maneiras variadas a existência negra. (ZAILA, 2020).

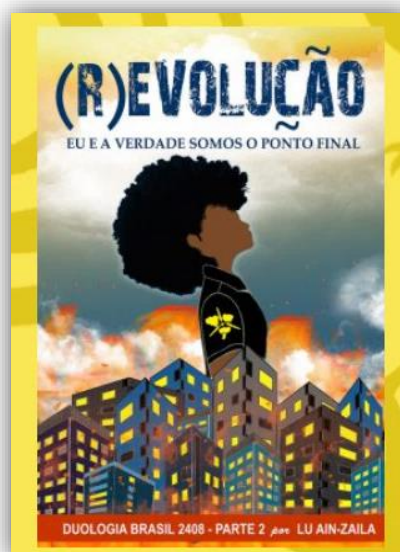
o Adinkra, conjunto de símbolos que representam ideias expressas em provérbios. O Adinkra, dos povos acã da África ocidental (notadamente os asante de Gana), é um entre vários sistemas de escrita africanos, fato que contraria a noção de que o conhecimento africano se resume apenas à oralidade. Na verdade, a grafia nasce na África com os hieróglifos egípcios e seus antecessores. Diversos outros sistemas de escrita percorrem a história africana em todo o continente. Além da representação grafada, os símbolos adinkra são estampados em tecidos e adereços, esculpidos em madeira ou em peças de ferro para pesar ouro. Muitas vezes eles são associados com a realeza, identificando linhagens ou soberanos. O gwa, ou assento real, um banco esculpido, representa a soberania da nação asante. Em muitos casos a imagem esculpida no gwa é a de um adinkra. Assim, o conceito de escrita expande-se para além da noção ocidental restrita apenas à letra grafada.

Lu traz a reconstrução do povo negro por meio do Afrofuturismo. Lhe devolvendo a racionalidade ocultada, as vitórias e criações que sustentam o pensamento humano, denso e sobretudo, o mais antigo do mundo. Suas obras suscitam a reflexão crítica, catalisando os pensamentos negros em outra lógica, impulsionando a pluriversalidade⁹ de saberes, que são dinâmicas e flexíveis.

4.2 As Produções

Os romances a seguir, lançaram a trajetória de Lu Ain-Zaila no âmbito literário de ficção especulativa afrofuturista. A Duologia começa pelo livro (In)Verdades (2016), cuja sinopse, diz:

[...] A Duologia Brasil 2408 é rica em diversidade. Também há espaço para a diversidade de gênero, mas está é uma informação a mais em seus legados rumo a um futuro surpreendente. A representatividade está garantida dentro de um enredo inovador, coerente, político, astuto, misterioso e apaixonante. (Este fragmento foi retirado do site da



Figuras 4 e 5 – Duologia 2408

⁹ O filósofo sul-africano Mogobe Ramose (2011) compreende a geopolítica do conhecimento não como um sistema hierárquico, cujas relações de poder estão sobrepostas nas faixas centro-periferia, classificações rotineiras na compreensão universalista. Para o filósofo, contudo, o conhecimento existe horizontalmente, isto é, não depende de uma classificação hierárquica assentada na noção bipartida de centro-periferia, mas a partir do pressuposto básico de que todos os grupos sócio étnicos possuem, no interior de suas manifestações culturais, conhecimentos das variadas matrizes epistemológicas, incluindo-se a filosofia. Assim, o conhecimento, horizontalizado, não comporta relações de poder, dominação e exploração, mas relações apenas de diferença e complementaridade. No tocante a isto, a pluriversalidade refere-se à pluralidade dos universos epistêmicos, negando a noção de um verso singular, uno, que hierarquiza e redistribui o poder à semelhança das assimetrias geopolíticas adotadas na modernidade. Disponível em:< HIPOTEEADAPLURIVERSALIDADE.>

Amazon, trata-se de um anúncio da venda do livro no formato de eBook, livro digital.)

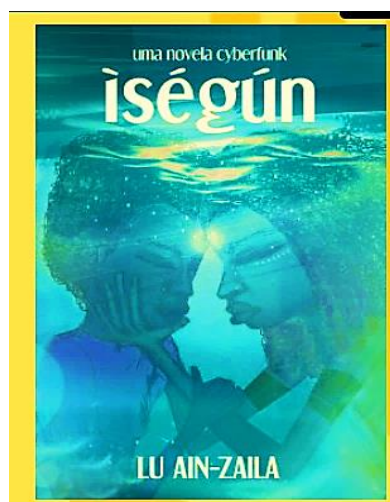
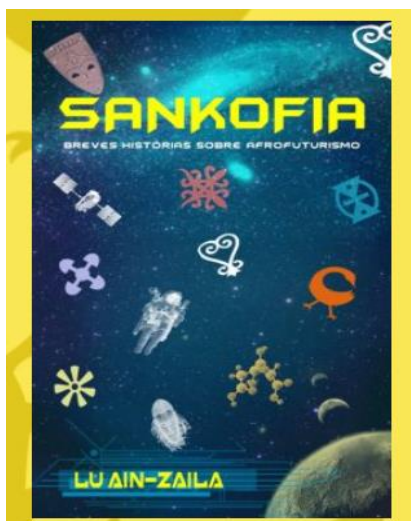
No Blog Impressões de Maria, encontramos uma análise sobre as obras de Zaila, com as seguintes impressões:

[...] No segundo livro, Ena terá muito mais contato com os não-identificados, como são chamadas essas pessoas. Desde o final de (In)verdades, tudo que ela entendia como verdades absolutas passa por uma mudança e (R)Evolução adentra de modo mais aprofundado nessa nova realidade, na qual um símbolo Sankofa pode ter um papel importante. [...] Pensando na Duologia como um todo, o universo próprio e inovador que a autora constrói, com seus aspectos ambientais e sociais, é muito impressionante, ainda mais por ter como cenário um Brasil dentro de uma realidade distópica, num futuro distante em termos de data, mas muito próximo se formos comparar com a atual realidade brasileira. (Este registro foi realizado em 25 de novembro de 2018, no site Impressões de Maria, um site que traz análises de obras e reflexões contando com um Clube de membros).

Os livros mencionados não estão disponíveis em brochura, somente na versão digital, devido as obras serem auto publicadas, como já dito anteriormente. Seguiremos com a produção seguinte, lançada em 2018. Sankofia, reúne diversos contos, entre os quais daremos destaque ao “Era afrofuturista”. Pelo conjunto de elementos concebidos na trama, construindo conexões de temporalidades traçando uma teia de ligações entre passado, presente e futuro. Em seu site¹⁰, a escritora versa algumas pistas do livro: (No término da pesquisa, o site foi desativado. Suas produções foram disponibilizadas por meio do endereço: <https://linktr.ee/luainzaila>)

[...] Sankofia é um livro de contos que viaja por várias possibilidades e ideias. Sabia que Ternodes, o nome de um dos contos é um anagrama de Nordeste? Fiz um conto baseado nas trabalhadoras domésticas, o que sofrem e, bem... dá-lhe revanche! A Invenção das Tranças é uma escrita que estava a tempos na minha gaveta, resolvi repaginar e se tornou um belo conto com inspiração mitológica. Mais uma vez me aventurei na produção da capa do meu livro e ficou esplêndida. E o contato com o espaço e outras formas de vida combinam com Timbuktu e o que nos é caro, quem somos. E em fragmentos experimentos ideias que podem num breve futuro ir além.

¹⁰ No site da autora, Brasil2408, estão disponíveis todas as suas criações, pesquisas, textos, vídeos com outros produtores e demais conteúdos que envolvem sua Literatura. Disponível em: < <https://brasil2408.com.br/>>.



Figuras 6 e 7

Seu último livro foi lançado em 2019, *Ìségún* de palavra de origem iorubá, que significa reverência aos antepassados, é uma novela cyberfunk. Na consulta de mais dados acerca da narrativa, constatamos as considerações do site Ficções humanas:

[...] O interessante é que Lu Ain Zaila nos apresenta um pouco dos mitos iorubás sem entrar em detalhes mais complexos. Ela ressalta a integração com a natureza, a valorização dos ancestrais, a proteção da vida. Até o aspecto da musicalidade, que eu já comento, está presente. Muitas vezes complicar demais pode afastar o leitor leigo; quando você é mais didática, isso provoca uma aceitação porque as noções básicas são fáceis de serem apreendidas. (Este trecho foi retirado do Blog literário sobre fantasia e ficção científica, dedicado a postagem de conteúdo ficcional. Disponível em: <<https://www.ficcoeshumanas.com.br/post/resenha-iseq%C3%BAAn-de-lu-ain-zaila.>>

A resenha de Paulo Vinicius, discorre os aspectos principais da novela. Chamando a atenção para os componentes em destaque, fazendo determinadas críticas em relação ao excesso de notas de rodapé. Ele justifica sua preferência de ler explicações em forma de texto ou em um glossário no final, nada que comprometa o conjunto da obra em discussão.

Lu, ainda publiciza artigos, textos e outros materiais em seu site. Usando uma estética cheia de signos, desenhos e imagens que misturam fundamentos da cultura africana e afro-brasileira, com menções de frases, provérbios e adinkras que reverberam saberes ancestrais e todo arcabouço extraído em suas escavações científicas.

No universo da literatura afrofuturista, Zaila demonstra a extensa e intensa aprendizagem adquirida ao longo de suas buscas, com abordagens que exprimem

cuidadosamente as riquezas dos elementos históricos, culturais, filosóficos, espirituais, educacionais e artísticos de África, da afrodíaspóra e afro-brasileira.

4.3 Era Afrofuturista: Um conto, muitos saberes

O conto Era Afrofuturista me levou a conhecer a autora. Esta narrativa foi escolhida como um possível instrumento metodológico, pela riqueza de informações, que levam o leitor a conhecer diferentes fatos que revelam a realidade de povos, africanos e afrodíapóricas, sua trajetória de vida, ressaltando os aspectos histórico, social, político e cultural, além das diversas explicações que aparecem no decorrer do texto. Dando sentido aos percursos e deslocamentos ocorridos em cada trecho, nos levando a conhecer fatos que dificilmente aparecem nos livros de história.

Para começar, logo na introdução há um resumo sobre a origem do Afrofuturismo, explicando o surgimento do termo, além de conceitos e as ideias que baseiam este segmento. A narrativa acontece no futuro, no chamado Centro Cultural do Afrofuturismo. Ambiente no qual as pessoas negras ocupam uma localidade diferente, pois neste caso, futuro é o presente. Na ficção, são colocadas diferentes metáforas especulativas que remetem as situações vividas pelos povos afrodíapóricas, nos instigando a refletir acerca de termos, tais como: raça, lugar de fala, epistêmico, branquitude, entre outros, necessários para a desconstrução do imaginário depreciativo, mas ainda presente em nossos dias.



Figura 8 (página 17)

No decorrer da leitura nota-se inúmeras citações de dados, acontecimentos, vestígios de documentos oficiais, instituições, personagens e figuras importantes nos cenários brasileiro e africano, que estão relacionados a resistência negra.

Ao avançar a narrativa, nota-se a preocupação da autora em estabelecer conexões entre passado, presente e futuro. Onde, o termo raça deixou de ter o significado que conhecemos hoje. As atrocidades que a população negra ainda padece, não existem mais. São lembrados os registros dos quilombos, dos escravizados, as mulheres e homens que ao longo de séculos resistiram ao usarem inimagináveis estratégias e tecnologias de sobrevivência, como Zumbi, Dandara, Luiz Gama, Luísa Mahin, Abdias do Nascimento, Ruth de Souza, Nei Lopes, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Lima Barreto, entre mortos e vivos, muitos são reverenciados com respeito. A lista de homenagens é extensa narrando, por meio de nomes, imagens e desenhos que remetem sempre seus significados. Como no ideograma abaixo, que é mencionado em outras passagens do conto.

Se wo were fi na wo sankofa a yenkyi



*Nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás
(pertence a um conjunto de ideogramas maior chamado Adinkra que possui
centenas de outros símbolos, cada um com o seu pensamento).*

Figura 9 - Ideograma – Adinkra (pág.24)

Em uma formação que participei sobre Afrofuturismo, tive a oportunidade de perguntar à autora, qual a importância que o Afrofuturismo tem para ela. Em sua concepção essa narrativa literária permite a retirada do olhar eurocêntrico e hegemônico presentes em diferentes esferas sociais. Ela ainda pontua que, ao apresentar a existência da civilização africana, sua cultura e formas de ser e viver, oportuniza-se pensar em outras perspectivas de realidade para a população negra e afrodiaspórica. Concedendo assim, o reconhecimento e a localidade de pessoas

destituídas de se sentirem criadoras da sua própria história. São vários os aspectos que podem ser desenvolvidos, a partir das escritas afrocentradas, como enfatiza, Lu:

[...] Então, o que eu defendo através da literatura afrofuturista é o seu poder de contestar os lugares culturais e psicológicos hegemônicos a partir da Afrocentricidade como eixo, lembrando que os sujeitos produtores afrofuturistas são pessoas negras. E o seu potencial educacional contracolonial que busca aliados em cisão com a branquitude como um sistema educacional. Sendo assim, o Afrofuturismo é importante para mim como um lugar político onde minha visão de mundo é pautada em termos de saberes produzidos por africanos. E a literatura é meu ato de arte-política, onde mesclo de maneiras variadas a existência negra. (ZAILA, 2020).

No final do conto, Zaila disponibiliza todo o referencial teórico estudado, oportunizando a consulta dos dados. Essa iniciativa denota a sua preocupação em facilitar o acesso das informações as quais ela apresenta em sua obra. O conteúdo exposto em a Era Afrofuturista, remonta a formação do território brasileiro, centralizando a população da afrodiaspora e africana. Realocando as passagens emblemáticas do território nacional experimentado pelo povo negro.

Devido ao detalhamento de informações, esse Conto está sendo utilizado, também como material de embasamento para um curso de formação de professores, na disciplina Educação para Relações Étnico-raciais da cidade de Belém do Pará, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA).

A professora e pesquisadora Helena do Socorro Campos da Rocha, desenvolveu a dissertação “AFROFUTURISMO NA EDUCAÇÃO – Criatividade e Inovação para discutir a diversidade étnico racial, da qual resultou uma vasta gama de conteúdos e materiais que está acessível em formato digital para consulta.

Entre as criações estão aplicativos, HQs, inventários, infográficos, imagens, nuvens de palavras, jogos, slides, fluxogramas, entre outros materiais que foram elaborados pelos alunos que cursaram a disciplina, tendo como base os contos da obra Sankofia, entre os quais Era afrofuturista. Rocha discorre em sua pesquisa os caminhos escolhidos para a realização do trabalho e justifica os motivos pelos quais selecionou os textos de Zaila:

[...] Destaco o encontro com Sankofia como um marco no esclarecimento e na estruturação da aplicabilidade do Afrofuturismo na Educação, estrutura que se constitui como o aspecto inovador desta pesquisa, pois desconheço outro trabalho que trate da aplicabilidade do Afrofuturismo na Educação. As principais características que, para nós são importantes quando questões étnico-

raciais são discutidas na Formação de Professores são: ancestralidade, tecnologia, autonomia e futuro possível. (ROCHA, 2020. p. 18)

Em busca de mais informações sobre o uso dos textos da Lu, tive uma conversa com a autora para saber como foi o processo e a aplicabilidade do conteúdo e seus desdobramentos com os estudantes. Fizemos um encontro virtual (ela mora em Belém-PA), Helena comentou rapidamente a sua trajetória nos trabalhos desenvolvidos com as turmas e os resultados obtidos nas criações afrofuturistas. Relatou que as dinâmicas desempenhadas pelos discentes superaram suas expectativas. Culminando nas elaborações de diferentes ferramentas pedagógicas que ressignificam as narrativas afrofuturistas. Vale notar que o conto é leitura fixa na ementa, possibilitando o acesso das alunas e alunos aos textos.

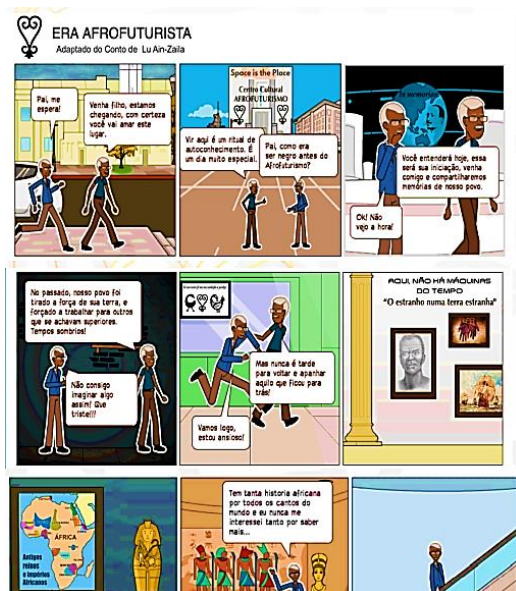


Figura 10 – (página, 105)



Figura 11 – (página 142)

Helena enfatiza a importância de Zaila, “é uma escritora e cientista com estudos contundentes, que merece visibilidade e reconhecimento pelas obras publicadas, pelos ensaios, artigos, e todos os seus escritos que são fundamentais para a difusão de novas experiências e imagens positivas da população negra”. Ela ressalta sua percepção no aperfeiçoamento progressivo nas construções de Luciene, que cria e ao mesmo tempo, concede suas descobertas publicamente. Rocha ainda disponibilizou uma breve descrição a respeito das produções literárias de Lu:

[...] Lu Ain-Zaila, uma escritora preta, periférica. Uma pedagoga afrofuturista. Uma artesã das palavras que consegue, por conhecê-las, tecer narrativas afro-empoderadas. Uma análise bem superficial em sua maior obra, em minha opinião, Sankofia nos dá conta de mostra a potencialidade da escritora de ficção que, no intuito de esclarecer o conceito de Afrofuturismo, mostra seu lado de pesquisadora em seus inúmeros artigos e ensaios. (Helena Rocha, 2022. Este trecho foi escrito especificamente para este estudo)

Durante a conversa, Helena Rocha me passou sugestões de teóricos que foram essenciais para o enfoque do Afrofuturismo contemporâneo, permitindo um olhar mais atento as dinâmicas dessa corrente que chega em larga escala e em múltiplas direções. Estas foram as impressões reunidas sobre o conto Era afrofuturista. Não temos a pretensão de esgotar as minúcias da narrativa literária produzida por Zaila, devido ao limite de tempo e espaço disponíveis neste trabalho. Vale destacar que o conto é um fragmento da sua produção, além do mais, não foram expressos aqui, todos os conteúdos e materiais elaborados por ela. A seguir, veremos a posição da Lu, na cena literária afrofuturista brasileira.

5. Qual a relevância da autora no circuito literário afrofuturista?

Ao iniciar este projeto de pesquisa, não tínhamos ideia da historiografia afrofuturista brasileira. Como mencionado anteriormente, sabe-se que os estudos dedicados ao gênero são escassos, o que dificulta abordagens aprofundadas. O escritor e pesquisador Waldson Gomes, ressalta a ausência de escritoras negras para suas investigações:

[...] era um objetivo trabalhar com autoria de mulheres. Esse desejo quase se tornou uma frustração já que encontrei apenas Ain-Zaila produzindo afrofuturismo no Brasil. E o fato dessa autora ser independente é algo a ser observado, pois demonstra os empecilhos que uma mulher negra encontra no mercado editorial. (SOUZA, 2019. P.60)

Outro aspecto que merece ser evidenciado é o período das produções literárias afrofuturistas no Brasil, as obras em sua maioria são recentes e/ou realizadas em grupos de escritores e escritoras. Este é um atalho que viabiliza as condições de custeio e toda a logística que envolve a escrita, a publicação e venda.

No decorrer das investigações não adquirimos o material pensado no começo da pesquisa. Sobretudo, pela escassez de literatos especialistas em afrofuturismo para entrevistas, pela falta de tempo ou disponibilidade das pessoas que contatei. Na

intenção de responder as questões propostas nesse artigo, conversar com alguém que tivesse experiência no meio editorial do afrofuturismo, daria substância as minhas dúvidas. Tais como: Quais as escritoras de afrofuturismo em destaque no Brasil? Qual a posição ou alcance das obras de Lu Ain-Zaila no mercado literário nacional?

No contato com o escritor afrofuturista, produtor cultural e educador Israel Neto, conhecido também como (Manoreu), ele explicou os bastidores no setor literário brasileiro, com mecanismos complicados na captação recursos para a produção de obras, da falta de conteúdos literários voltados ao afrofuturismo em português e das iniciativas dos criadores em autofinanciar seus livros. Após a conversa com o Israel, solicitei que ele sintetizasse em um texto suas impressões em relação aos trabalhos de Zaila. Ele a conheceu em 2018, na Flip (Festa Literária Internacional de Paraty). Desde então, fez questão de manter-se conectado com ela, percebendo a qualidade estética de suas obras. Israel, ainda relata o momento em que esteve com a Lu, no qual ela própria sem editora vendia seus livros, acrescentando: “ela compartilha estudos, leituras, descobertas e pretensões de projetos sem a vaidade típica de autores e autoras em sua posição de vanguarda e renome”, e completa:

[...] seu catálogo é de brilhar os olhos, a sutileza que ela linka as referências históricas e conceituais das cosmologias africanas e afro-brasileiras, o cotidiano da vida carioca, os cânones da literatura fantástica e outros elementos conectam o primeiro volume de Brasil 2408 à Isegun, seu último livro, de forma primorosa. Para um leitor mais atento já se faz visível as características estilistas da autora, a construção dos universos, das personagens, o ritmo de leitura etc. Desejo que possamos dedicar neste presente as devidas homenagens e reverência a ela, para que num futuro próximo ela seja nome recorrente nas leituras fantásticas afrocentradas, assim como hoje é Octavia Butler, e outros nomes estrangeiros. Lu Ain Zaila, sem dúvida é a precursora da literatura afrofuturista no Brasil e se fez ouvir de forma audaciosa! (Este trecho foi escrito por Israel Neto, especificamente para esse artigo, ago.2022)

Lu Ain-Zaila prefaciou obra a convite de Neto, mediou encontros temáticos afrofuturistas de literatura, partilhou mesas de debates e o entregou em mãos o prêmio Odisseia de Literatura Fantástica no ano passado. O relato do escritor Israel Neto foi fundamental nessa pesquisa. Seu conhecimento e experiência como criador e editor de arte literária afrofuturista foi basilar para traçar os percursos das apurações seguintes.

Com o objetivo de conseguir amostras para revelar o alcance ou a posição que a escritora ocupa atualmente, exploramos matérias por meio das mídias digitais. A busca foi feita diretamente pelas palavras (literatura afrofuturista no Brasil). Nas consultas apareceram sites com diferentes títulos relacionados com o Afrofuturismo. Utilizei essa estratégia para rastrear as informações disponíveis e saber quais escritoras ou escritores seriam mencionados. Obviamente, meu interesse foi confirmar em quantas matérias consultadas apareceriam Zaila. Não esgotei as buscas limitando as primeiras treze consultas, das quais, onze estão explicadas abaixo. Nota-se que na maioria dos materiais analisados, listam a escritora como protagonista na literatura especulativa afrofuturista. Para melhor visualização, organizei os registros encontrados em uma tabela, com os endereços dos sites e blogs, com os títulos das publicações.

	Sites e Blogs	Títulos
1	https://www.terra.com.br/diversao/semana-da-consciencia-negra-afrofuturismo-na-literatura	Semana da Consciência Negra: afrofuturismo na literatura
2	https://cearacriolo.com.br/3524-2/	7 escritores afrofuturistas para você conhecer
3	https://www.omelete.com.br/quadrinhos/afrofuturismo-literatura	Afrofuturismo e literatura: quando as palavras indicam novos caminhos
4	http://jornalismojunior.com.br/literaturas-afrofuturistas-para-pensar-um-futuro-negro	Literaturas Afrofuturistas: para pensar um futuro negro
5	http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/1400-lu-ain-zainla	Lu Ain-Zaila
6	https://negre.com.br/cinco-escritoras-negras-de-ficcao-e-fantasia-que-voce-precisa-conhecer	Cinco escritoras negras de ficção e fantasia que você precisa conhecer
7	https://buzzfeed.com.br/post/9-expoentes-do-movimento-afrofuturista-no-brasil	9 expoentes do movimento Afrofuturista no Brasil
8	https://www.brasildefato.com.br/2021/10/22/reimaginando-amanhas-conheca-quem-construi-o-afrofuturismo-brasileiro	Reimaginando amanhã: conheça quem constrói o afrofuturismo brasileiro
9	https://cebusal.es/podcast/biobrasil-afrofuturismo/?lang=pt-br	BIOBRASIL: AFROFUTURISMO Brasil es mucho más que Samba
10	https://fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/afrofuturismo-o-que-e-o-movimento-e-como-esta-representado	Afrofuturismo: o que é o movimento e como está representado
11	https://revistatrip.uol.com.br/tpm/a-literatura-de-mulheres-perifericas	A LITERATURA DE MULHERES PERIFÉRICAS

Nos levantamentos realizados, verificamos 11 sites ou blogs, dos quais todos apresentam os trabalhos de Luciene e destacam sua presença pioneira na escrita literária especulativa afrofuturista. A primeira matéria, veiculada pelo site Terra, anuncia: *“Um dos principais nomes do estilo no Brasil, a escritora Lu Ain-Zaila fala da importância do protagonismo negro”*. O artigo foi publicado em novembro de 2020, contando passagens da vida e de entrevistas feitas em outros meios de comunicação, com dizeres que a própria Zaila pronúncia em alguns momentos.

A segunda notícia estampa Zaila no título entre as 7 escritoras do afrofuturismo, sendo ela denominada a única brasileira dentre autoras e autores americanos.



. Figura 12

A terceira manchete faz um panorama geral do afrofuturismo, comentando os escritores americanos, e Octavia Butler é referendada como a “mãe da literatura afrofuturista”. Seguindo as editorações de Fábio Kabral, Lu Ain-Zaila e Alê Santos. No quarto texto, discorrem acerca da trajetória do Movimento afrofuturista americano, dando sequência na cena brasileira em geral, enfatizando as obras de Zaila entre outras produções.

A quinta reportagem é exclusivamente dedicada a Lu, com sua biografia, criações literárias, denotando o processo de escrita e trechos do livro *Ìségún*. São listadas suas obras individuais, as Antologias e os textos não ficcionais e encerram disponibilizando os endereços digitais para consulta de suas composições.

Os demais textos jornalísticos (6,7,8,9,10 e 11), tratam centralmente da literatura afrofuturista, trazendo abordagens históricas da trajetória do movimento com diferentes vieses. Desde o contexto americano em seus primórdios, como ilustrações e recortes que remontam o quadro afrofuturista das últimas décadas. Entre as notícias

acima, salientamos a de número 9, por tratar-se de uma matéria e podcast feita pela Universidad de Salamanca, na Espanha. O programa tem como tema, “Brasil es mucho más que Samba” (Brasil é muito mais que Samba). Trazendo todo o contexto do Movimento Afrofuturista e seu surgimento, com enfoque nos trabalhos realizados no Brasil. Eles começam destacando os escritores Fábio Kabral e Alê Santos, dando sequência a Lu Ain, comentando sua biografia e as publicações, com sinopses das obras. O programa apresenta artistas afrofuturistas brasileiros de outros segmentos, com imagens, vídeos e notas explicando-as individualmente.

As evidências exploradas até aqui, revelam que a literatura afrofuturista de Lu Ain-Zaila está entre as principais produzidas no território nacional. Nas obras afrofuturistas escritas por mulheres, Lu Ain-Zaila é a precursora do gênero desde 2016. Vale notar que seu primeiro conto foi escrito em 2007, mas ela retomou as produções anos depois, com o lançamento do romance (In)Verdades, como mencionado anteriormente. Assim, espelhamos o panorama reluzente dos escritos da afrofuturista Zaila. Que dedica seus estudos e descobertas construindo ideias de futuros conectados com as ancestralidades africana e afrodiaspórica. Sem deixar de estar atenta aos acontecimentos do presente, libertando as mentes pretas dos enquadramentos provocados pelas normas do ocidente.

Considerações finais

As informações apresentadas neste artigo, resultam de escolhas e dos percursos que se deram no processo de investigação. Não examinamos o Movimento Afrofuturista integralmente, entretanto, pode-se considerar que existem Afrofuturismos. Considerando que o Movimento se tornou uma fonte inesgotável de elementos que ganham novos aspectos e roupagens nos últimos anos e se reinventa constantemente.

Neste estudo propomos a apresentação da escritora Luciene Ernesto. Uma mulher afro-brasileira produtora de literatura afrofuturista, com quatro obras individuais publicadas no segmento, entre as quais, três foram autofinanciadas. Além de contos, pesquisas e antologias, (não foi possível ler e analisar toda a produção da autora) criando estratégias para que seus livros cheguem ao mercado editorial.

Os caminhos projetados por Zaila em seus livros, brindam as novas gerações possibilidades de perceberem suas potencialidades em meio a estrutura racista a qual

vivemos. Pensar que pessoas negras estarão vivas no futuro e que terão oportunidades de construir suas histórias é algo revolucionário. É um novo paradigma para uma população atravessada por todas as mazelas ao longo de quase quatro séculos. Ela nos convida a resgatar os conhecimentos e as riquezas culturais, históricas, filosóficas, científicas, políticas, estéticas, entre outras perspectivas. Conectando pontes entre o real e o imaginário, religando teias cortadas, nos convocando a (re)construir horizontes futuros e prósperos, indispensáveis para pensar em caminhos possíveis.

É nesse sentido, que elucidamos o conjunto de obras da escritora Lu Ain-Zaila. Suas escavações e estudos científicos merecem ser reconhecidos e espalhados pelos quatro cantos desse imenso território chamado Brasil. Seus escritos precisam ser disponibilizados em bibliotecas, escolas, acervos e todos os outros espaços de conhecimento. Para que todas as pessoas, e fundamentalmente as pessoas negras, tenham a experiência de se verem agentes do seu próprio futuro.

Bibliografia

AIN-ZAILA, Lu (2016). **(In)verdades**. Rio de Janeiro: [s.n.].

AIN-ZAILA, Lu (2017). **(R)evolução**. Rio de Janeiro: [s.n.].

ANDERSON, Reynaldo; JONES, Charles E. (ed.) (2016). **Afrofuturism 2.0: the rise of Monteiro Ferreira**. Philadelphia: Ed: Afrocentricity, 2003.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade: A teoria de mudança social**. Trad.: Ana astro-blackness. Lanham: Lexington Books.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.p.147-165. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4).

CHRISTIAN, Mark. **Conexões da diáspora Africana: uma resposta aos críticos da afrocentricidade**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.p.147-165. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4)

DU BOIS, W. E. B. (2000 [1920]) **The comet**. In: THOMAS, Sheree R. (ed.). **Dark Matter: a century of speculative fiction from the african diaspora**. New York: Warner Books.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001.

MBEMBE, Achille (2014). **Crítica da razão negra**. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona.

MAZAMA, Ama. A Afrocentricidade como um novo paradigma. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo. Selo Negro, 2009.p.111-127. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4)

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora** / Elisa Larkin Nascimento (org.). São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira;4).

NELSON, Alondra (2002). **Introduction: future texts**. *Social Text* 71, v. 20, n. 2, p. 1-15, summer.

SOUZA, Waldson Gomes de. **Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea**. 2019. 102 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

Womack, Ytasha L. **Afrofuturism: the world of black sci-fi and fantasy culture** / Ytasha L. Womack. — First edition, 2013.

Sites e textos disponíveis na internet

AIN-ZAILA, Lu. ERNESTO, Luciene Marcelino. E71 Sankofia: Breves Histórias Sobre Afrofuturismo. — Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:<<https://drive.google.com/file/d/1OJ17-DnD-BKVDtJ9S6fy1rlzVZUYuWOP/view>> Acesso em 15 mar. 2022.

AIN-ZAILA, Lu. Afrofuturismo - o espelhamento negro que nos interessa. Disponível em:<<https://brasil2408.com.br/wp-content/uploads/2019/01/Afrofuturismo-ospelhamento-negro-que-nos-interessa.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

AIN-ZAILA, Lu. <https://linktr.ee/luainzaila>.

FREITAS, Kênia. Introdução ao Afrofuturismo: um curto-circuito temporal. Disponível em: <<https://incubadoradao.org/Textos-e-Pesquisas-Kenia-Freitas>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

IMPRESSÕES DE MARIA. Disponível em:
<<https://impressoesdemaria.com.br/2018/11/duologia-brasil-2408-inverdades-e-revolucao-lu-ain-zaila/>>. Acesso em: 22 abr.2022.

IPEAFRO. Adinkra. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/acoes/pesquisa/adinkra/>. Acesso em 05 mai. 2022.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. "Literatura marginal": os escritores de periferia entram em cena. 2006. Disponível em:<
TESE_ERICA_PECANHA_NASCIMENTO%20Literatura%20Marginal.pdf>

REVISTA PONTO VIRGULINA. Ponto virgulina1- Afrofuturismo simples. Disponível em:
<<https://traducaoliteraria.files.wordpress.com/2020/06/ponto-virgulina-1-afrofuturismo-simples.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ROCHA, Helena do Socorro Campos da. Afrofuturismo na Educação: criatividade e inovação para discutir a diversidade etnicorracial. Disponível em: <
<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/597845>> Acesso em: 05 jul.2022.

ROCHA, Helena do Socorro Campos da. A formação do pedagogo mediada por tecnologias educacionais afrofuturistas. Disponível em: <
<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/586596>> Acesso em: 05 jul. 2022.

ROCHA, Helena do Socorro Campos da. HQ Era Afrofuturista – Uma história em Quadrinhos. Disponível em: <<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/585564>>
Acesso em: 15 ago. 2022.

YASZEK, Lisa. "Race in Science Fiction: The Case of Afrofuturism and New Hollywood." Uma Introdução Virtual à Ficção Científica. Ed. Lars Schmeink. Rede. 2013. Disponível em: <http://virtuallsf.com/?page_id=372>. 1-11.

Vídeos

Nelson A. 2010, Interview with Alondra Nelson.
<http://www.youtube.com/watch?v=IFhEjaal5js> Oxford English Dictionary, 2013, Oxford University Press, Oxford.